

HOUSTON, TEXAS

12 de setembro de 1962

Os agentes corriam de um lado para o outro, infiltrando-se no meio da multidão, enquanto guardas e soldados tentavam manter o cordão de isolamento para expulsar os últimos convidados que não possuíam as credenciais adequadas.

Os aplausos, após a apresentação inicial, prolongaram-se por longos minutos, enquanto os fotógrafos se aglomeravam perto do púlpito em busca do melhor ângulo. Aos poucos, a multidão arrefeceu e tomou seus lugares.

Houve um breve ruído agudo quando o microfone foi ligado e as caixas de som espocaram em expectativa. O presidente acenou uma última vez antes de se posicionar junto ao púlpito, que trazia o selo dos Estados Unidos da América ao lado da bandeira de estrelas e listras. Ele limpou a garganta antes de começar.

— NAVEGAMOS NESTE NOVO MAR PORQUE HÁ NOVOS CONHECIMENTOS A SEREM ADQUIRIDOS E NOVOS DIREITOS A SEREM CONQUISTADOS. ELES DEVEM SER CONQUISTADOS E UTILIZADOS PARA O PROGRESSO DE TODOS, POIS A CIÊNCIA ESPACIAL, ASSIM COMO A CIÊNCIA NUCLEAR E TODA A TECNOLOGIA, NÃO TEM CONSCIÊNCIA PRÓPRIA.

O agente especial Sonny Hunt esfregou os sapatos no chão e enxugou o pescoço com o lenço, enquanto Kennedy interrompia seu discurso para receber os aplausos. Fazia um sol de rachar em Houston, e o Texas cozinhava lentamente no final do verão, com a temperatura ultrapassando os trinta graus. Ele levou a mão à testa, protegendo os olhos, e observou a multidão que se aglomerava no Estádio Rice. Um guarda uniformizado esbarrou nele e se afastou com um rápido pedido de desculpas, seguindo para o seu posto. Não poderia culpá-lo. O início do discurso do presidente fora tumultuado, com dezenas de jornalistas e políticos locais, sedentos por um segundo de atenção, tentando se aproximar ao mesmo tempo.

— SE ELA SE TORNARÁ UMA FORÇA PARA O BEM OU PARA O MAL, DEPENDE APENAS DO HOMEM. E SOMENTE SE OS ESTADOS UNIDOS OCUPAREM UMA POSIÇÃO DE PREENHÊNCIA É QUE PODEREMOS AJUDAR A DECIDIR SE ESTE NOVO OCEANO SERÁ UM MAR DE PAZ OU UM NOVO E ATERRORIZANTE TEATRO DE GUERRA.

Hunt abriu um sorriso contrafeito enquanto o estádio aplaudia sem parar. Kennedy era bom de conversa, como qualquer Democrata, mas absolutamente imprestável para qualquer ação de verdade. A fracassada operação na Baía dos Porcos ainda lhe causava agulhadas no estômago. Aquele erro lhes custaria caro.

Ele circulou ao redor do púlpito presidencial e deu-se por satisfeito. Havia atiradores de elite espalhados pelo teto do Estádio Rice, e as arquibancadas estavam pontilhadas de homens à paisana, dispersos pela multidão de quase quarenta mil pessoas reunidas pela universidade para ouvir o presidente.

— NÃO DIGO QUE DEVEMOS, OU IREMOS, FICAR DESPROTEGIDOS CONTRA O USO HOSTIL DO ESPAÇO, ASSIM COMO NÃO FICAREMOS DESPROTEGIDOS CONTRA O USO HOSTIL DA TERRA OU DO MAR. MAS DIGO QUE O ESPAÇO PODE SER EXPLORADO E DOMINADO SEM ALIMENTAR O FOGO DA GUERRA, SEM REPETIR OS ERROS QUE O HOMEM COMETEU AO ESTENDER SEU PODER POR ESTE NOSSO GLOBO.

Delírios de um Democrata, resmungou Hunt para si mesmo, enquanto se afastava dos microfones e ouvia o discurso apenas pelo sistema de som do estádio, já a caminho do interior do local. Os vestiários do time da casa, o Rice Owls, haviam sido reservados para o FBI, e o agente resolveu se refugiar ali. Estava abafado lá dentro, mas ainda melhor do que estar sob o sol escaldante.

Por uma dezena de passos, seguiu pelos corredores envoltos em aroma de suor. No vestiário, afrouxou a gravata e encheu um copo de plástico com o café requentado esquecido sobre uma mesa. Cruzou com uma dúzia de agentes que monitoravam as linhas de rádio e coordenavam o movimento de quase duas centenas de oficiais, soldados e guardas designados para aquela aparição. Os reflexos da tensão dos últimos meses — após as acusações oficiais de Cuba e da URSS sobre a fracassada invasão da ilha caribenha — mantinham o serviço de segurança em alerta constante. Mesmo assim, Kennedy insistira naquela aparição pública para uma multidão, transformando o evento em um pesadelo logístico.

— Nenhum atirador que se preze conseguiria me matar e fugir dentro de um estádio — retrucara ele, ao ser questionado por seu chefe de segurança, um coronel da Força Aérea.

— Não estou preocupado em pegar o assassino, Senhor Presidente. Posso lhe garantir que ele seria preso em questão de minutos... mas só depois do estrago já feito — rosnara o sujeito, em resposta.

Kennedy respondera apenas com um dos seus inabaláveis sorrisos.

— Eu confio em você.

Hunt imaginava que o coronel só podia esperar que aquela confiança não fosse colocada à prova naquele dia. O agente viu-o mastigando um antiácido com cara de poucos amigos, mas o ignorou. Tinha outras preocupações naquele dia.

Tomou o primeiro gole do café, que era mesmo tão ruim quanto temia.

— NÃO HÁ CONFLITOS, PRECONCEITOS OU RIVALIDADES NACIONAIS NO ESPAÇO SIDERAL ATÉ O MOMENTO. SEUS PERIGOS SÃO AMEAÇAS A TODOS NÓS. SUA CONQUISTA MERECE O MELHOR DE TODA A HUMANIDADE, E ESSA OPORTUNIDADE DE COOPERAÇÃO PACÍFICA PODE NUNCA MAIS SURTIR.

Hunt abriu um sorriso. As caixas de som trepidavam enquanto ele se escorava ao lado de outro agente, que brincava com uma bola de futebol americano, jogando-a de uma mão para a outra.

— Tá acreditando nessa papagaiada? — perguntou o sujeito, cujo crachá azul desbotado preso na lapela o identificava como agente especial Lewis Baxter.

— O que eu ou você acreditamos não vai importar muito — respondeu. — Não foi por ele que vim aqui.

Baxter o encarou, sem entender, mas Hunt o conteve com um gesto.

— MAS POR QUE, PERGUNTAM ALGUNS, A LUA? POR QUE ESCOLHER ISSO COMO NOSSO OBJETIVO? E ELES PODEM MUITO BEM PERGUNTAR: POR QUE ESCALAR A MONTANHA MAIS ALTA? POR QUE, TRINTA E CINCO ANOS ATRÁS, VOAR SOBRE O ATLÂNTICO? POR QUE RICE JOGA CONTRA O TEXAS? ESCOLHEMOS IR À LUA. ESCOLHEMOS IR À LUA...

O discurso foi interrompido quando o estádio veio abaixo em aplausos e vivas — exatamente a reação que Hunt temia.

Por semanas, agira secretamente para trazer o presidente ao Texas. Ali, em um estado profundamente republicano e conservador, imaginava que as

obsessões espaciais do presidente seriam abaladas por uma recepção gelada, quando milhares de americanos o questionassem sobre a loucura de investir bilhões de dólares naquela aventura. Isso lhes daria um pouco de tempo.

Se enganara completamente.

— Lá vamos nós... — resmungou.

— ESCOLHEMOS IR À LUA E FAZER AS OUTRAS COISAS NESTA DÉCADA, NÃO PORQUE SEJAM FÁCEIS, MAS PORQUE SÃO DIFÍCEIS. PORQUE ESTE OBJETIVO SERVIRÁ PARA ORGANIZAR E DIMENSIONAR O MELHOR DE NOSSAS ENERGIAS E HABILIDADES. PORQUE ESTE DESAFIO É UM QUE ESTAMOS DISPOSTOS A ACEITAR, UM QUE NÃO ESTAMOS DISPOSTOS A ADIAR E UM QUE PRETENDEMOS VENCER — E OS OUTROS TAMBÉM.

— *Nesta década?* — repetiu Baxter, jogando a bola no chão com violência, enquanto o estádio ovacionava o presidente. — O que diabos ele pensa que está fazendo?

— Política, Baxter — suspirou Hunt, resignado.

Finalmente acontecera. A NASA recebera um ultimato público, como ele já temia.

— E o que faremos? — insistiu Baxter, enquanto Hunt seguia até um dos telefones.

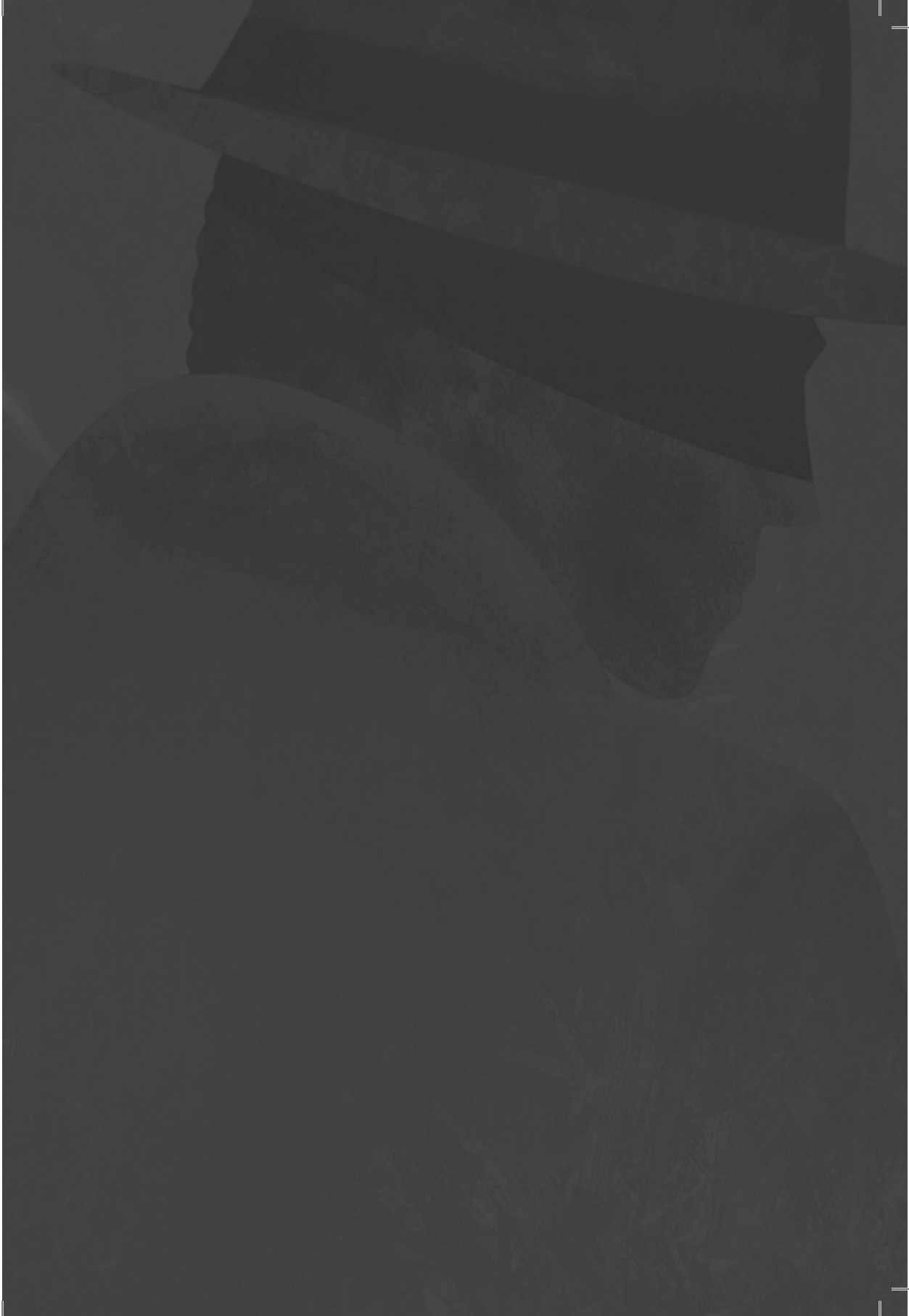
— O nosso trabalho — respondeu ele, erguendo o fone do gancho e fazendo uma ligação para a Estação de Cabo Canaveral.

Depois de alguns momentos, o agente que ele colocara secretamente nas instalações havia quase dois anos atendeu a ligação.

— É Hunt. Temos um prazo. Pandora deve ser mantida aberta até a segunda ordem.







CAPÍTULO 1



RIO GRANDE | ÁREA DE SEGURANÇA NACIONAL

Quatro anos depois
11 de novembro de 1966

Estávamos prestes a encerrar a noite quando o guarda uniformizado chegou esbaforido, o rosto vermelho de suor.

— Um corpo.

Ele tentou falar, mas o peito chiava dentro do uniforme escuro. Tudo o que ouvi estava entrecortado por chilreios e uma tosse escarrada.

— Calma, garoto — disse, estendendo-lhe um cigarro.

Ele aceitou o oferecimento com as mãos trêmulas. Uma chama pálida escapou do meu isqueiro, iluminando uma noite sem nuvens.

Ele colocou o quepe debaixo do braço, deu duas tragadas e tossiu por uns bons trinta segundos antes de dizer o que viera dizer — o que não era grande coisa.

— Um corpo — ele insistiu, apontando para trás. — Nas docas. Perto do largo.

Eu já estava em movimento antes que ele terminasse o seu breve relato. Calculei mentalmente e decidi que chegaria mais rápido a pé.

Hávamos terminado a terceira batida da noite, e o calor do verão gaúcho me fazia suar copiosamente. Durante boa parte da madrugada, eu e Iago, meu motorista, percorremos os bares da região do porto com o proclame do juiz nos bolsos, uma pérola de sabedoria: “Na data de hoje, até o fim do próximo dia, está proibida a venda de bebida alcoólica, com exceção de chope, cerveja, vinho e uísque”.

— Isso é alguma brincadeira? — eu perguntara ao delegado, ao receber a incumbência na tarde anterior.

— Os arruaceiros costumam tomar pinga — ele me respondeu, antes de voltar à leitura do seu jornal.

Fora uma noite divertida, cheirando os copos dos frequentadores dos bares do Porto Velho até as docas do Mercado Público — o que provavelmente não melhoraria a percepção pública da polícia na região.

Iago havia estacionado o nosso Volkswagen na Praça Ferreira quando o guarda correndo chamou a minha atenção.

Agora, seguia na direção oposta, depois de mandar o meu motorista dar a volta. Atravessei a rua vazia, meus passos com sola de borracha ecoando fantasmagoricamente enquanto seguia pela Bacelar. Após dois anos em Rio Grande, já me acostumara com a maresia, que parecia impregnada em tudo, fosse na comida, na bebida ou nos cigarros que não queimavam direito. No entanto, ali o cheiro era mais pungente, tornando-se quase tão denso quanto as neblinas que se erguiam da Lagoa dos Patos nos dias mais frios.

Encontrei um segundo uniformizado na ponta do largo, agachado junto ao píer, com a mão esticada perto de um dos lampiões apagados. Havia quase uma dúzia de postes espalhados pelo lugar, mas pouco menos da metade funcionava.

— O que pretende?

O rapaz quase caiu na água de susto, o que era exatamente o que eu pretendia evitar. Ele me observou como se visse uma aparição e seus olhos recaíram no coldre. Ato contínuo, levou a mão à própria arma, mas mostrei a minha identificação, o que rendeu um suspiro de alívio. Garoto esperto.

— Estava tentando pegar o corpo, senhor.

Olhei para a água. Mesmo na escuridão, era possível observar um corpo boiando junto ao píer, com roupas masculinas. Ele balançava de um lado para o outro, seguindo o ritmo das pequenas ondas que quebravam nas pedras.

— Só vai arranjar um banho forçado. Precisamos de um bicheiro.

Ele me olhou como se eu tivesse pedido um pedaço da Lua.

— É um pedaço de pau comprido, com um gancho na ponta — expliquei, paciente. — Serve para enganchar a amurada de botes que se aproximam do desembarcadouro. Deve ter algum no cais — disse, apontando para o sul.

O garoto entendeu a ideia rapidamente e saiu correndo. Observei suas costas desaparecerem na escuridão e tirei um cigarro do bolso, girando-o entre os dedos. Do outro lado, a linha escura da Ilha da Pólvora recortava o horizonte azul turquesa. Me virei. O corpo ainda estava lá. Não havia marcas evidentes de violência. Se tivesse sorte, seria apenas mais um bêbado que trançara as pernas perto do canal. Isso acontecia vez ou outra.

Quando o guarda retornou com dois ganchos, Iago já estava do meu lado. O outro rapaz permanecera no Volkswagen, cuidando do rádio.

Com os ganchos, puxamos o pobre coitado até o píer e o viramos de frente. Iago levou a mão até o nariz, mas conseguiu manter o conteúdo dos intestinos no lugar. O guarda... bem, ele foi providente o suficiente para se afastar por alguns metros antes de vomitar.

Não fiz pouco caso do rapaz. O que antes constituía o rosto do homem morto havia sido transformado em uma pasta de ossos e sangue por, pelo menos, três disparos de arma de fogo. Aquilo era incomum. Ninguém saía descarregando a arma na cabeça de seus inimigos, a não ser que tivesse um objetivo bem definido. E a ausência da carteira ou quaisquer outros documentos, verificado após uma rápida conferência, parecia colocar um ponto de interrogação na questão: o morto se tornara um Fulano de Tal, um João Ninguém. Cabia a nós encontrarmos um nome para o cadáver e outro para o seu executor. A hipótese de suicídio, com três tiros, poderia ser sumariamente descartada.

Quando o sol já raiava no horizonte, o fotógrafo criminalístico finalmente liberou a área, e o corpo desconhecido foi levado para o necrotério. Estava para seguir até a delegacia, quando um grito interrompeu meu raio de ação. Perto do cais, um dos guardas descobrira mais alguma coisa flutuando. O objeto em questão era uma caixa de madeira trabalhada, com uns vinte centímetros de largura. Com cuidado, abri o postigo com a ponta do lápis que trazia no bolso. O lado de dentro era forrado por um veludo de um roxo escurecido pela água, com bordas do tamanho de um dedão, como vistas em caixas de bombons chiques. Mas, pelas marcas presentes no veludo, os doces armazenados ali eram avaliados em quilates.

Ora, ora, ora.